

MANASSES



A história do homem que voltou da escuridão.

Wellington Corporation

Manassés é o filho de uma *avivalista*, se me permitem afirmar. A religião judaica e suas tradições sucumbiam diante do fascínio da magia e do erotismo da religião da antiguidade. As muitas vozes de um mundo de feitiçaria, de idolatria gigantesca e de rituais mágicos de toda sorte cravou suas garras na mente dos israelitas que eram cativados pelas antigas religiões e seus fantásticos rituais. Ezequias, rei de Judá, seu pai, condoído de tanta idolatria deu início a uma poderosa e abrangente reforma religiosa destruindo estelas, ídolos, locais de profanação e rituais mágicos, pregando as leis de Moisés, evangelizando novamente uma nação cujos pés rapidamente a desencaminhavam dos mistérios do tabernáculo, das tradições e salmos do templo, aos mistérios de Osiris e a de um panteão de divindades.

E Manassés participou disso, viu seu pai destruir altares, queimar estátuas e lugares mágicos, ao menos até sua morte precoce. Ele tinha 12 anos quando seu pai morreu e é por filiação erguido prematuramente ao trono de Israel. Mas o exemplo de seu pai não lhe serviu. Talvez a morte dele tenha marcado sua alma como uma espécie de abandono. Sem pai, sem orientação e dono de um reino magnífico ainda, com uma capital invejada por sua arquitetura e riqueza por muitas nações, Manassés corromperia sua história e sua dupla herança, espiritual e terrena, numa mudança de ordem espiritual como nunca antes o mundo havia contemplado. Manassés abraçaria a escuridão de um modo inimaginado mesmo pela mente de antigos escritores. Reis seguiam a risca as tradições religiosas de seus predecessores. Em especial consideração por sua história, tido por muitas nações como sagrada. Desrespeitar sua história era desprezar a glória anterior do reino, de um reino que deveria perdurar, manter-se, ser memorável, ser lembrado e enaltecido pelos cidadãos. Porque a sociedade antiga necessitava de tradições que as mantivessem, que as unissem, e esse papel era um dos mais fundamentais exercidos pelas realezas da antiguidade. A manutenção de tradições que seriam imitadas, difundidas em todas as demais camadas sociais de muitos modos diferentes. Rasgar as tradições religiosas e sacerdotais era um caminho que conduziria a uma futura desagregação social. Tradições eram amadas, eram enaltecidas, eram glorificadas. Eram seguidas pelos soberanos, algumas vezes até os prendendo, amarrando os reis a responsabilidades herdadas. Manassés desprezará todas as tradições de sua nação, todos os preceitos religiosos e renegará sua tradição espiritual. O reino de Israel teve início com um cifre cheio de óleo derramado por um profeta, servo do Deus que se revelara no monte Sinai, a outro profeta. Samuel era um profeta chamado por Deus para sua vocação, o Merlin das Escrituras Sagradas, e a ordenação da dinastia real teve início numa unção, numa ordenação, numa origem espiritual profética, única em toda a terra. Tão especial que a partir de Davi era seria uma linhagem real messiânica. Manassés pertencia a uma linhagem real da qual um dia nasceria o Messias.

Tinha Manassés **doze anos de idade quando começou a reinar, e cinquenta e cinco** anos reinou em Jerusalém; e era o nome de sua mãe Hefzibá.

E fez o que era mau aos olhos do Senhor, **conforme as abominações dos gentios** que o Senhor expulsara de suas possessões, de diante dos filhos de Israel.

Porque tornou a edificar os altos que Ezequias, seu pai, tinha destruído, (II

Rs 18.4 Ezequias tirou os altos, quebrou as estátuas, deitou abaixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal que Moisés fizera; porquanto até àquele dia os filhos de Israel lhe queimavam incenso, e lhe chamaram Neustã.)

E levantou altares a Baal, e fez um bosque como o que fizera Acabe, rei de Israel, e se inclinou diante de todo o exército dos céus, e os serviu.

E edificou altares na casa do Senhor, da qual o Senhor tinha falado: Em Jerusalém porei o meu nome.

Também edificou altares a todo o exército dos céus em ambos os átrios da casa do Senhor.

E até fez passar a seu filho pelo fogo, adivinhava pelas nuvens, era agoureiro e ordenou adivinhos e feiticeiros; e prosseguiu em fazer o que era mau aos olhos do Senhor, para o provocar à ira.

Também pôs uma imagem de escultura, do bosque que tinha feito, na casa de que o Senhor dissera a Davi e a Salomão, seu filho: Nesta casa e em Jerusalém, que escolhi de todas as tribos de Israel, porei o meu nome para sempre;

Porém não ouviram; **porque Manassés de tal modo os fez errar,** que fizeram pior do que as nações, que o Senhor tinha destruído de diante dos filhos de Israel.

Porquanto Manassés, rei de Judá, **fez estas abominações, fazendo pior do que tudo quanto fizeram os amorreus, que foram antes dele,** e até também a Judá fez pecar com os seus ídolos;

Além disso, também Manassés derramou muitíssimo sangue inocente, até que encheu a Jerusalém de um ao outro extremo, afora o seu pecado, com que fez Judá pecar, fazendo o que era mau aos olhos do Senhor.

[2 Reis 21:1-16](#)

O mundo de coisas erradas que Manassés cometeu em 55 anos de “ministério real” é extraordinário. Em algum momento da sua história Manassés abandona sua fé, sua religião e até sua humanidade. Ele simboliza como poucos seres humanos a “apostasia” que é o abandono da fé, termo que o Novo Testamento usa para o desprezo da doutrina dos apóstolos, que nesse caso é o desprezo a doutrina de Moisés. Ele renuncia a tradição mosaica e abraça a fé no mundo da magia e religião da antiguidade. Em algum instante Manassés seduzido pelas práticas mágicas do velho mundo foi envolvido na prostituição cultural. Um rei adolescente teve acesso a uma sacerdotisa das antigas religiões que praticavam “sexo sagrado” a união mítica entre seres humanos e antigas divindades. Confundindo prazer com alegria, satisfação sexual com paz, cercado de cantos, rituais, mistérios e representações espantosas, das casas dos ídolos antigos, Manassés mudou. Esse envolvimento significava participar de banquetes sagrados, de festividades fantásticas aos ídolos das nações. Então esse envolvimento o tornou participante, ofertante e adorador. Aceitando autoridades espirituais de sacerdócios e mágicos diversificados, abandonou a autoridade divina do sacerdócio levítico ao qual deveria estar submisso. De adorador ele se tornou evangelista de falsos deuses, incentivador e construtor de lugares sagrados, importou imagens e concedendo honra aos deuses que foram abandonados por seu pai, reconstruiu lugares destruídos. Mas na medida que caminhava em direção ao passado religioso e profano da humanidade, também corrompia sua mente. Começou a praticar feitiços, e a conversar com espíritos. Os poderes que invocaram dominaram parte de sua mente, entraram em seu coração. E então Manassés começou a manifestar poderes espirituais, vocações adivinhadoras. Começou a realizar feitiços e se tornou conjurador, um termo especial línguas antigas para falar de uma pessoa que exercia o papel de amaldiçoar alguém para destruir. Começou a ter visões, sonhos, e até nas nuvens iniciou a ter presságios. Na medida que sua interação com tais poderes aumentava, de aprendiz tornou-se mestre. É dito em sua pequena e trágica biografia que em determinado momento Manassés ORDENARÁ a adivinhos e a

feiticeiros. Manassés dá origem a um “**ministério da magia**” em Israel. Muitas nações da antiguidade possuíam algo similar (Egito, Reinos africanos, China, Japão, Coréia). Provavelmente a CABALA uma espécie de magia hebraica praticada desde a antiguidade com uso do Torá, o Velho Testamento hebraico, teve início com Manassés. Para que um homem possa ORDENAR outros a uma determinada ordem mágica, isso significa que PRIMEIRO ele foi CONSAGRADO a essa ordem mágica. Manassés pertencia a pelo menos duas ordens, talvez a dezenas, mas declaradas, duas ordens distintas, porque haviam especialidades espirituais ou mágicas no passado exercidas por famílias distintas. Feiticeiros e Adivinhos são propositadamente separados no Velho Testamento porque representam ordens mágicas ou espirituais distintas. Manassés tornara-se uma alta autoridade espiritual em ordens distintas que nada tinham de herança das Escrituras. Seu comportamento vai transformando-se de tal modo que ele já não tem amor, zelo ou RESPEITO pelo SENHOR, e então ele cria bosques, jardins sagrados gigantescos com estelas e ídolos realizando cultos as divindades diversas, femininas, masculinas, animais, representadas por estrelas e planetas. Num ato de blasfêmia ele leva estátuas de Baal e de divindades femininas para dentro do templo de Salomão. E de muitas outras. Certamente ali estão também presentes divindades egípcias, em especial NIX, deusa que representa os céus. Mas, isso não foi sem tremenda revolta dos profetas e dos levitas. Para fazer isso Manassés matou muitos líderes, matou levitas, matou cidadãos que estavam escandalizados. É dito que ele ENCHE as ruas de Jerusalém de sangue, que ele comete barbáries monstruosas. Porque somente assim ele poderia ter feito o que fez, colocar a estátua de uma deusa ou várias dentro do santo dos santos. A crise está vindo pelas mãos de um exército ordenado pelos babilônicos. A religião da antiguidade exigia sacrifícios humanos. Manassés havia liberado a consulta aos mortos, a mediunidade, a invocação e o culto dos mortos. Isso significava que a oferenda aos espíritos familiares comuns em muitas nações havia retornado a Israel. E junto disso, costumes de maldade mágica inacreditável. Dominado pelas crenças malignas da antiguidade, num momento de crise nacional diante da guerra que logo chegaria, Manassés compreendia que era a responsabilidade do soberano que decidia o DESTINO de uma nação. Porque nas crenças antigas a família real era divina, os seus atos refletiam o universo, aos poderes cósmicos e também a ira ou o agrado dos deuses. Manassés curvara-se diante de Inanna ou semelhante, numa época da história que o maior de todos os sacrifícios era a do filho do próprio rei. Baal, Tamuz e Inanna recebiam oferendas humanas. Manassés realiza num momento de crise nacional um ato raramente praticado, mesmo naqueles tempos. Ele toma um de seus filhos e o assassina, lançando-o ao fogo num ritual público. Esse ato é um dos mais terríveis registrados na história. E será considerado por Deus como um dos mais hediondos pecados de Manassés. O povo denominava tal ato do “pecado de Manassés”.

Um dos ídolos que Manassés adorava num bosque ele o manda mover e colocar dentro do templo do Senhor, para SUBSTITUI-LO. Essa imagem é especial, porque era um ídolo que deveria identificar ao sacerdócio ou a ordem a qual Manassés era consagrado. Tão especial que o moveu de um lugar sagrado para outro.

O resultado de tais atos é a quase dissolução da fé israelita. Sua atitude liberou as trevas sobre a nação. Trouxe a idolatria para todo o estado da Judéia, reabriu as fronteiras as doutrinas dos povos e as práticas mágicas dos antigos. Manassés trouxe a apostasia ao povo israelita.

Então a guerra chegou. E com ela a morte de quase todos da família real, a destruição do exército remanescente, a destruição de parte da cidade e a captura de Manassés. Que foi torturado, deixado nu e com um gancho enfiado no nariz, arrastado por quase duas semanas, no frio e no calor em direção a prisões em Babilônia onde seria torturado e morto. Manassés sobreviveu a dura jornada. E lá ele começou a ser torturado. Não sabemos quais os suplícios, os as privações, quando estava em desespero Manassés lembrou-se de seu passado. Lembrou-se de seu pai, lembrou-se do único Deus a quem tinha abandonado. Então ainda bruxo, ainda adivinho, ainda sacerdote de antigas ordens, porém AINDA UNGIDO, orou pedindo misericórdia e perdão.

Os textos de Reis e de Crônicas são em grande parte escritos por escritores que eram sacerdotes ou profetas. Ao que parece os primeiros historiadores do mundo foram os profetas. No intuito de guardar profecias e apontar pecados existentes até mesmo das autoridades e da família real, pelo menos em Israel as crônicas que narram os feitos da dinastia de Davi tem origem nas bibliotecas e livros dos profetas, na época conhecidos como videntes. Parte de Crônicas e do livro dos Reis teve essa fonte como base para sua composição. O livro do vidente, ou as crônicas dos videntes se perdeu. O verso de Crônicas narra que os detalhes da história de Manassés estavam no livro dos videntes. Incluindo a oração que fez e um MAPA. Ou uma LISTA com a indicação de todas as imagens que instalou, os bosques sagrados e tudo o mais. Incluindo as atrocidades que cometeu.

II CR 33

18 Os demais acontecimentos do reinado de Manassés, inclusive sua oração a seu Deus e as palavras que os videntes lhe falaram em nome do Senhor, o Deus de Israel, estão escritos nos registros históricos dos reis de Israel.

Sua oração e a resposta de Deus, bem como todos os seus pecados e a sua infidelidade, além dos locais onde construiu altares ídólatras e ergueu postes sagrados e ídolos, antes de humilhar-se, tudo está escrito nos registros históricos dos videntes.

20 Manassés descansou com os seus antepassados e foi sepultado em sua propriedade. E seu filho Amom foi o seu sucesso

Não nos foi PERMITIDO ter acesso a essa parte dos registros.

As Escrituras não são uma composição obra do fortuito, do acaso. Sua composição é feito de modo humano, mas a sua regência, o editor chefe das Escrituras é o Espírito de Deus. O que não está nela, ainda que tenha origem divina, ainda que sejam registros históricos corretos, não foi declarado propositadamente.

Essa omissão das Escrituras é talvez a que cause maior curiosidade. Porque os eventos que não foram declarados são terríveis, são marcantes, não foram esquecidos por séculos. Não eram coisas banais, foram de conhecimento público por gerações sucessivas.

Deus não as quis declarar. Para que nossa fé não se baseasse em tentar imitar o que Manassés fez para se redimir. Para que não limitássemos nossas orações às palavras que foram ditas. Para que não tentássemos comparar a devassidão e maldade de alguém ou

mesmo a nossa, com o que foi feito. É um buraco negro proposital, um hiato, uma cena pós créditos que jamais será mostrada, para que não haja LIMITAÇÃO na fé do perdão divino. Para que vejamos a torpeza até onde podemos enxergar, mas não conheçamos os limites do perdão, da Graça, da restituição.

Num patamar espiritual, Manassés vem de uma família que representa o Reino de Deus. O trono de Davi recebe a promessa de um herdeiro cujo reino não teria fim. O reino na qual Manassés foi príncipe por nascimento e rei ainda a partir dos 12 anos era também o mesmo que representa o reino messiânico e o reino de Cristo. Como representante deste reino a família de Davi se torna herdeira de coisas celestiais. Os reinos da antiguidade reivindicavam natureza, parentesco divino. Os reis do passado entendiam que seus antepassados foram deuses, ou casaram-se com divindades. Por isso a família real era sagrada, porque tinha origem num outro mudo, porque tinha parentesco com seres divinos. Cristo realiza de FATO essa proeza no tempo. Através dele a humanidade recebe uma identidade divina, uma natureza celestial e uma FILIAÇÃO divina. Os reis buscaram em mitos se tornarem deuses. Porém somente o mistério de Cristo é que pode tornar aos homens filhos de Deus. Manassés abandonou um FUTURO glorioso por um passado duvidoso, por antigas lendas fantásticas e histórias de fantasmas. O sobrenatural REAL habitava na família de Davi. O início da história real israelita era um cifre de óleo, derramado pelas mãos de um grande profeta, Samuel. Manassés esquece disso tudo, do Mar Vermelho aberto, Moisés, Sansão, Gideão, e de Samuel. Esquece de Saul.

Mas os dons e a vocação divina são IRREVOGÁVEIS. Isso não significa impedir a perdição ou a destruição da alma. Mas, significa que enquanto Manassés vivesse, seria parte da família divina, teria parte das promessas, teria ACESSO ao mistério do sacerdócio, que é o perdão dos pecados, que é a remissão, que a purificação. Permaneceria como representante do Reino. Ainda que o tenha desprezado. Não bastou, entretanto, dar as costas à sua vocação, à sua herança espiritual, Manassés também abraçou a tudo que Deus detestava, a tudo que ele ordenou de que Israel se afastasse, que conduziram o homem a escuridão, aos poderes das trevas, às hostes e potestades, ao inferno e a sua influência, aos demônios e as suas manifestações.

E Manassés abraçou pelo menos três áreas mágicas sinistras. Ele ouvia conselhos necromantes, consultando o que acreditava ser espíritos mortos. Permitiu que realizassem e participou de atos mágicos, de médiuns da antiguidade. Temos ainda hoje tanto a oferenda a mortos, como rituais de sacerdotisas da serpente, alguns de origem africana, que mantiveram por milênios parte desses rituais incorporados em suas tradições mágicas, outros de religiões antigas asiáticas, indígenas, até da antiguidade europeia que nos dão uma visão do que acontecia em tais reuniões. A religião antiga aceitava sacrifícios humanos. Quando Manassés sacrifica seus filhos, não temos certeza, pode ser que tenha assassinado mais que um, Crônicas fala no plural e Reis no singular, deixa patente que Manassés já havia participado de muitos outros rituais similares. Porque somente aí ele estaria em condições de realizar tal ato.

Há uma mudança de comportamento, de pensamento, tão gigantesca em Manassés, que ele despreza a memória de seus pais, ordenando a reconstrução de altares que seu pai pessoalmente ordenou destruir. Ele rejeita a orientação, a fé, a autoridade paterna e mesmo o respeito devido ao soberano falecido quando faz tal ato. Os reis da antiguidade mantinham os feitos dos reis anteriores, porque a tradição de um reino unido se fortalecia

por uma continuidade dos atos de poder. Refazer altares destruídos era ato de revolta contra o reino anterior.

O impacto espiritual e social foi devastador. E as consequências PROFÉTICAS.

Manassés conseguiu ultrapassar os atos pecaminosos das nações da antiguidade que já não existiam, desalojadas a mais de 300 anos. Quando mais retrocedermos na história de Canaã, ali da atual palestina, mas nos depararemos com a religião antiga. E com a prática da prostituição cultural, com a magia, com os sacrifícios humanos de milhares de crianças. Meninas mortas em multidão, bebês enterrados vivos em sacrifícios de fundação, na consagração de casas. Zigurates e ordens sacerdotais que enriqueciam pela prostituição sagrada que gerava rios de dinheiro para os cofres de antigas religiões, onde havia uma geração de crianças órfãs, fruto do abuso de adolescentes nos templos de Inanna, Ishitar, Marduk, Tamuz, e outras centenas de ordens, que seriam criadas para se tornarem “oferendas” nos templos, trabalhando como serviçais, ou como parte do hieros gamo, nome pomposo que os antropólogos deram para a prática de ‘sexo sagrado’ outro nome igualmente inadequado para o culto em que se simulava a união carnal entre deusas/deuses e seres humanos. Os índios brasileiros – conforme os primeiros relatos históricos de 1530/70 praticavam o canibalismo ritual com guerreiros vencidos de outras tribos, a maioria delas, imitando as práticas das antigas dinastias egípcias, de 5000 anos atrás. Esse mundo de religiões malditas foi ultrapassado em torpeza, segundo os profetas, pelos atos de Manassés, que levou o povo a práticas espirituais de profunda malignidade.

Porém não ouviram; **porque Manassés de tal modo os fez errar, que fizeram pior do que as nações**, que o Senhor tinha destruído de diante dos filhos de Israel. Porquanto Manassés, rei de Judá, **fez estas abominações, fazendo pior do que tudo quanto fizeram os amorreus, que foram antes dele**, e até também a Judá fez pecar com os seus ídolos;

Em Manassés se CUMPRE *ipsis literis* a promessa/profecia citada por Paulo:

“20 Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, **onde o pecado abundou, superabundou a graça**; Romanos 5:20”

Ele, considerado pior que Balaão, cuja maldade será lembrada até em Apocalipse, teve diante de uma dolorosa crise, após humilhar-se e reconhecer seus tremendos, espetaculares, gigantescos pecados, o MILAGRE do perdão divino.

O resgate do homem que habitou as trevas é algo impressionante. Incompreensível. Imagine Mussolini, Hitler ou Stalin se ajoelhando em lágrimas e pedindo perdão de seus pecados. No Brasil não precisamos ir tão longe. Suzane von Richthofen, a mais odiada assassina brasileira, se ajoelhando e pedindo perdão e sendo ouvida.

Manassés caminhou em direção do inferno, com convicção. Com atos dignos de um Oscar das trevas, de uma condecoração militar, a ordem máxima da maldade esdrúxula. Manassés arrependeu-se para muitos TARDE DEMAIS.

CONTUDO, a cruz do calvário que seria erguida 700 anos depois da morte de Manassés possui mistérios inacreditáveis. O príncipe da paz, que descenderia de Manassés, tinha o poder de mudar o mundo. E a história dos espíritos de todos os seres humanos. Cristo, o

messias, impactaria todos os reinos da eternidade. Abaixo e acima dos céus. Sua morte e ressurreição afetaria anjos e demônios, vivos e mortos, espíritos em regiões celestiais. Nós estamos diante do incompreensível, do insondável e do maravilhoso quando Deus aceitar o arrependimento de Manassés.

O prenuncio da justificação através da fé.

WELINGTON CORPORATION

AGAIN